



Foto: Toninho Torres

CENTRO

Referência histórica e cultural, o Centro de Ribeirão Preto anda castigado pela falta de memória do ribeirãopretano sobre sua importância para a cidade

Texto: **YARA RACY**

ONDE TUDO COMEÇA

Forte cenário cultural e histórico de Ribeirão Preto, o Centro é importante para cada ribeirãopretano — mesmo que ele não saiba



Vista da Rua General Osório entre as ruas Amador Bueno, Álvares Cabral e Tibiriça

Para além de ser considerado o ponto no mapa onde tudo começa, o Centro de Ribeirão Preto pode ser para onde tudo converge — ou deveria —, quando se pensa em cidadania, afinal, não há como exercê-la sem admirar, respeitar e preservar nossa memória, e o Centro, nesse sentido, tem muita. Quem vivia nesse pedaço de chão, despretensiosamente, lá pela metade do século XIX, mal podia imaginar no que ele se tornaria. “O início da estruturação urbanística da nossa cidade aconteceu a partir da atual Praça XV, na área escolhida pelo padre Manoel Eusébio de Araújo, dentro do patrimônio doado à Igreja, para construção da capela de São Sebastião. Essa área se iniciava nas imediações do Theatro Pedro II e chegava até o Palácio Rio Branco. E por que era assim tão comprida, parecendo um verdadeiro vagão? Porque englobava um pequeno aglomerado de casas e uma capelinha de pau a pique que já existiam. Sabe-se da existência desse povoado chamado Ar-

raial do Retiro, desde a década de 1850, através da documentação eleitoral de São Simão”, conta o historiador, escritor e professor José Antônio Correa Lages. Segundo ele, no início, Ribeirão



Catedral de São Sebastião | 1940

Preto não passava de uma comunidade rural, com uma capela, algumas poucas casas e vendas ao seu redor. O impulso para o desenvolvimento urbano e demográfico aconteceu a partir da lavoura cafeeira, principalmente depois da chegada dos trilhos da Mogiana, em 1883. “Um sinal desse desenvolvimento acelerado foi a criação da freguesia (paróquia) de São Sebastião em 1870, desmembrada da de São Simão. Isso apenas dois anos depois da construção da capela, que logo passou a Matriz. A capela ficava de costas para onde seria construído, 62 anos depois, o Theatro Pedro II e de frente para o aglomerado de casas que já existia. Foi esse ponto — o Largo da Matriz —, o epicentro para a abertura das primeiras vias públicas da cidade, que subiam do ribeirão Preto, e as travessas que as cortavam, subindo do córrego do Retiro”, explica Lages.

Assim nasceu o Centro, desenhado em uma área de 2.180.774 m² — aproximadamente 2,18 km —, doada à Igreja e posteriormente distribuída em 43 ruas e



Catedral de São Sebastião sem a torre do relógio | Flósculo de Magalhães - 1910

avenidas dentro de um quadrilátero cercado pelas avenidas: Jerônimo Gonçalves, Francisco Junqueira, Nove de Julho e Independência. Com uma população estimada em 19.083 pessoas, correspondendo a 3% da população total da cidade, segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010), o bairro divide opiniões: tem gente que ama e tem gente que dispensa passar perto. Em geral, quem mora no Centro diz que, nesse perímetro, encontra praticamente tudo o que precisa para viver: hospital, escola, supermercado, igreja, clube, teatro, cinema, hotel, comércio e serviços à disposição, tudo podendo “ir a pé”, como em nenhum outro bairro.

TRECHOS DA HISTÓRIA

Interligando São Paulo, Minas Gerais e Goiás em suas explorações, o ban-

deirante Bartolomeu Bueno da Silva — apelidado pelos índios de Anhanguera —, foi quem abriu caminhos para criação das primeiras ocupações de terras no interior. A formação de pousos para tropeiros e viajantes, ao longo deste caminho, foi o ‘pano de fundo’ para constituição de Ribeirão Preto, que surgiu como um prolongamento desta ocupação em direção ao desconhecido. Assim como a grande maioria das cidades brasileiras, Ribeirão Preto também começou como um arraial, um pequeno vilarejo, que virou município. O povoamento em si — segundo trecho do Livro do Tombo da antiga igreja Matriz —, teve início em 1853, após doação de terras feita à Igreja por seis proprietários da fazenda Barra do Retiro. Oficialmente, porém, a cidade tem sua fundação considerada a partir de 19 de junho



OS PRIMEIROS EDIFÍCIOS

- 1937 – Diederichsen
- 1940 – Adolfo Serra
- 1951 – Umuarama
- 1952 – Tinoco Cabral
- 1954 – Palácio do Comércio
- 1954 – Bradesco
- 1954 – Secretaria da Fazenda
- 1954 – Evaristo Silva
- 1955 – Salvador Spadoni
- 1956 – Centenário

Fonte: Ricardo Barros “Verticalização de Ribeirão Preto”

de 1856 — data da legalização como patrimônio da Igreja das terras doadas por João Alves da Silva Primo, Severiano João da Silva, José Borges da Costa, Ignácio Bruno da Costa, Mariano Pedroso de Almeida e José Alves da Silva. “Os seis doadores podem ser considerados os ‘fundadores’ oficiais da cidade. Essa área de 62 alqueires era situada no interior da fazenda chamada Barra do Retiro, a menor entre as cinco em que se dividiu a fazenda do Rio Pardo — o primeiro latifúndio de que se tem notícia na documentação (1834) na área de



O historiador José Antônio Correa Lages conta que Ribeirão Preto não passava de uma comunidade rural, com uma capela, poucas casas e vendas ao redor; foram o café e a Mogiana que impulsionaram a cidade



Verticalização acentuada a partir de 1970

HISTÓRIA

Ribeirão Preto. Em 19 de junho de 1856, o Juiz Municipal de Casa Branca deferiu a demarcação da área do patrimônio que foi, então, transferido ao domínio da Igreja e, por isso, essa data é considerada a da fundação da cidade, aprovada por lei na Câmara Municipal de Ribeirão Preto, em 1954. Vale ressaltar que, no final da década de 1880, duas outras pequenas doações, feitas por Antônio Beraldo Azevedo e de Ana Zeferina Nogueira, foram acrescidas ao patrimônio da igreja”, conta o historiador Lages.

O povoado cresceu rápido e, em 1871, foi elevado à categoria de município como Vila de São Sebastião de Ribeirão Preto. De 1879 a 1881, foi chamado de Vila de Entre Rios, por ficar entre o rio Pardo e o Mogi Guaçu. Depois voltou à denominação anterior e teve, ainda, outros nomes: Barra do Retiro, Capela de São Sebastião do Ribeirão Preto, Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, Vila de Ribeirão Preto até, enfim, tornar-se Ribeirão Preto. Com uma ocupação inicialmente esparsa, Ribeirão Preto teve seu crescimento acelerado associado à che-

gada de imigrantes para o trabalho nas lavouras cafeeiras. Segundo consta no livro “Ribeirão Preto: a dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930”, de Luciana S. Lopes (2011), em 1874, o município possuía 5.552 habitantes. Pouco mais de dez anos depois, em 1886, esse número quase dobrou, passando para 10.420. De 1886 até 1900, a cidade viveu seu maior aumento de população, até então, totalizando 59.195 habitantes. De 1900 até 1934, passou para 81.565 pessoas.

Em 1937, foi inaugurado, no Centro, o primeiro edifício de Ribeirão Preto, segundo do Estado de São Paulo, com mais de três pavimentos — o Edifício Diederichsen —, que carrega, até hoje, o nome de seu idealizador. Todo feito de concreto armado, em estilo Art Déco, e formato de U, o prédio de seis andares está localizado na rua Álvares Cabral e possui 150 metros de fachada, entre as ruas General Osório e São Sebastião. Pode ser considerado o “shopping” daquela época. Abrigou o Cine São Paulo, até sua desativação, em 1992, a Unidade I do Pinguim e, até hoje, sedia o Café Única, um forte ponto de



Prédio Diederichsen construído na década de 1930



PRAÇA XV

Foi a partir da Praça XV que Ribeirão Preto se desenvolveu. Era um grande largo de terra batida, de 400x100 metros, cercado de construções. Nasceu sem inauguração e ali plantaram algumas figueiras que resistem até hoje. Foi a partir dessa área que o fabricante Manoel Fernandes do Nascimento, encarregado de demarcar a cidade, planejou o traçado de Ribeirão Preto. A primeira Matriz foi inaugurada ali, em 1868, onde hoje está a fonte luminosa. Em 1897, foi inaugurado em frente à igreja o Theatro Carlos Gomes. Em julho de 1901, foi inaugurado o “Jardim do Doutor Loyola”, prefeito interino que formou o primeiro jardim e construiu um chafariz, um coreto e um lago de carpas na praça. Em 1919, a praça passou por uma reforma completa. Em 1905, a velha Matriz foi demolida e erguido um bar. Em 1946, foi a vez do Theatro Carlos Gomes ser demolido (feito considerado um crime para o patrimônio da cidade). E, no início da década de 60, o coreto foi posto abaixo. Entre 1929 e 1930, foi inaugurado o “Trianon da Praça XV”, um bar térreo com mirante na cobertura, que foi demolido em 1938. A praça passou por muitas modificações, a mais significativa entre 1937 e 1944, quando adquiriu detalhes da sua imagem atual, com o plantio de árvores nativas brasileiras, a instalação do Monumento ao Soldado Constitucionalista de 1932 e a construção da fonte luminosa, inaugurada em 20 de janeiro de 1939. Em 1º de fevereiro de 1993, a Praça XV foi tombada como patrimônio histórico juntamente com o “Quartelão Paulista”.



A variação do m² no Centro fica entre R\$ 1.500 e R\$ 5.000, segundo o diretor do CRECI, Antônio Marcos Melo



AVENIDA NOVE DE JULHO

Os primeiros quarteirões da atual Avenida Nove de Julho foram entregues em 7 de setembro de 1922, pelo então prefeito João Rodrigues Guião. A via, tombada pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (Conppac), e conhecida por suas frondosas sibiripirunas, começou a ser planejada em 1921 e foi inaugurada como Avenida Independência. Anos mais tarde, a partir do Ato nº 60, de 25/07/1934, passou a se chamar Nove de Julho — em celebração à Revolução Constitucionalista de São Paulo, ocorrida em 1932 —, e ganhou prestígio a partir de 1950, com residências de estilo moderno construídas nas proximidades. Com o passar do tempo, perdeu suas características de área residencial e se tornou um grande centro financeiro, reunindo quase 30 bancos comerciais e de investimentos, além de seguradoras e consórcios em seus pouco mais de dois quilômetros.

referência no Centro. O edifício é uma das mais importantes referências históricas do município e, não fosse a ousadia de Antônio Diederichsen em erguê-lo, a cidade poderia ter estagnado com a crise cafeeira, assim como tantas outras na região. Tombado pelos conselhos municipal e estadual de defesa do patrimônio histórico e cultural — Conppac e Condephaat, o edifício foi doado como herança à Santa Casa de Ribeirão Preto.

MERCADO IMOBILIÁRIO

Resultado de um processo de verticalização e especulação imobiliária, intensificado entre 1950 e 1990, o Centro tal qual é hoje passou por um significativo aumento da sua densidade demográfica em pouco tempo, algo sem precedentes, até então, na história da cidade. Com um desenvolvimento considerado sustentável até meados da década de 70, a partir da década de 80, houve uma inversão no uso das edificações acima de três pavimentos — que eram predominantemente destinadas a uso comercial e passaram a um maior

uso com finalidade residencial —, tornando a área de moradia no Centro 20% maior do que no restante da cidade, segundo aponta Ricardo Barros em seu filme “Verticalização de Ribeirão Preto”, que destaca a legislação da época como grande responsável por esta verticalização desproporcional.

Com uma taxa de vacância (imóveis desocupados) de 11%, segundo dados do IBGE de 2010, a valorização dos imóveis na região se mantém estável há muito tempo, “diferente de outras regiões”, segundo o diretor do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (CRECI), Antônio Marcos Melo. “Embora algumas regiões da cidade, como a Avenida Dom Pedro ou a Avenida Saudade, já tenham vida própria, o Centro permanece com sua força, pois dificilmente se vê uma porta comercial fechada na região central, onde não se tem despesa de condomínio, encargo de uma loja no shopping. Nota-se que quando se desocupa um imóvel, é bem rápida a posse com um novo inquilino. Também é comum notar

estudantes da USP, por exemplo, manterem pequenas repúblicas na região central. É uma proposta, um estilo de vida, uma opção”, avalia Melo.

Para o corretor, os inúmeros atrativos que a região central oferece em termos de comércio, serviços diversos, locais históricos, cultura e lazer, estabelecimentos de ensino e saúde, calçada, Catedral, mercado, shopping, ACIRP e Feira do Livro, bem como a proximidade com a rodoviária, a mobilidade e o acesso facilitado como fortes aliados, geram oportunidades de investimento, de emprego e de expansão de negócios, mesmo sendo devido ao laudêmio dentro do perímetro de patrimônio original da Igreja. “Tudo isso associado a maior ou menor proximidade de pontos de maior circulação de pessoas, a idade do imóvel e seu estado de conservação, a metragem de terreno e construção, faz com que, muitas vezes, em uma mesma rua o valor do m² varie. Por amostragens de negócios realizados na região central, apontamos essa variação entre R\$ 1.500 até R\$ 5.000 o m²”, conclui o diretor.



CONVENIÊNCIA

Marcos Papa é morador do Centro há 45 anos. Mudou-se com os pais, em 1980, aos 14 anos, para a Rua Visconde do Rio Branco. Passou por outros três endereços no bairro e hoje vive pertinho da mãe, na rua Cerqueira César. “A conveniência em morar aqui é incomparável e olha que conheço bem essa cidade inteira”, afirma. A ideia inicial era ficar perto das escolas onde estudou — Guimarães Jr. e Otoniel Mota — e da Unificação Kardecista, instituição em que atua há 40 anos. Depois, para se manter mais perto da Recreativa, clube que defendeu pelo voleibol, onde fez grandes amigos. Depois, do Sesc e, agora, perto da Câmara e da Prefeitura. “Fui ficando e, hoje, aos 57 anos, não pretendo sair daqui do Centro não!”, diz. Como pontos positivos do bairro, destaca o acesso a todo tipo de comércio e serviços; o transporte por aplicativo mais em conta, em função da equidistância de todos os bairros; a efervescência gastronômica e a proximidade com teatros e cinemas, uma somatória de itens que, segundo ele, torna a vida menos cara. Se ele tem um lugar preferido no Centro? “Meu bisavô, engenheiro agrônomo Calabrês Teodoro Papa, foi quem arborizou a Praça XV e a Carlos Gomes, então...”

Marcos Papa, vereador

PATRIMÔNIO DE TODOS

Desde que chegou a Ribeirão Preto, há duas décadas, o “Padre Chico”, como ficou conhecido o pároco da Catedral, mora e trabalha no Centro. “Cheguei em agosto de 2002 e, para mim, o bairro é onde encontro as famílias que frequentam a Catedral, onde posso conviver com elas indo às suas casas ou edifícios. Neste período, nunca vi preocupação do poder público em buscar uma maior revitalização do Centro, que está sujo, mal iluminado e carente de maior segurança.

Uma das necessidades mais urgentes é minimizar a fome e o problema social das pessoas em situação de rua. Também falta zelo com o patrimônio. Quantos imóveis históricos precisam de restauração e estão abandonados? Sei porque vivo este desafio — manter a Catedral e despertar, em cada pessoa da comunidade, a compreensão da sua responsabilidade na preservação desse patrimônio, que fez e faz parte da história da cidade e é de todos.”



Francisco Jaber Zanardo Moussa, pároco da Catedral



VISÃO DISTORCIDA

Nostalgia e cultura se misturam no Centro, na opinião do comerciante Alcemir Milani, que há 38 anos mora e trabalha no bairro, em uma loja com 52 anos de história no local. “Catedral, Shopping Santa Úrsula, Praça XV são o que há de melhor no Centro, mas, falta uma zeladoria eficiente. O descaso do poder público é notório, com a retirada de equipamentos públicos, inclusive projetando um Centro Administrativo fora do Centro. A situação da Praça das Bandeiras e da Praça Schmidt, que está há dois anos sem iluminação, é uma vergonha, é um descaso. A Praça da Catedral é a coisa mais linda porque o padre arrumou. É só olhar à noite a diferença entre elas. Tiro o chapéu para o padre Chico. Eu amo morar no Centro, moro na Tibiriçá com a General, e posso afirmar que a população tem uma visão errada do bairro sobre a bandidagem. Levo meu cachorro toda noite para passear na Praça XV. É muito sossegado morar aqui, tem de tudo e ainda vejo artista na rua cantando. É bom demais!”

Alcemir Milani, comerciante



TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Há 105 anos nascia, em uma pequena casa na esquina das ruas Duque de Caxias e Cerqueira César, o Externato Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto. Em 1938, a velha casinha foi demolida para dar lugar ao atual Colégio Auxiliadora, que toma todo o quarteirão. O colégio cresceu com o bairro, assim como a professora de Artes Sônia Lara. Dos seus 70 anos de vida, todos foram vividos no Centro, e 46 deles foram dedicados ao Colégio Auxiliadora — como aluna e como educadora. Com carinho, Sônia recorda das caminhadas, ao lado da irmã, para chegar à escola, das matinês no Cine Centenário, dos passeios pela praça para ver as garças e os cisnes, das visitas à Biblioteca Altino Arantes para pesquisas escolares e dos encontros com as amigas nas Lojas Americanas. Apesar de sentir falta da tranquilidade e do riso das crianças que brincavam nas ruas do bairro, a professora diz sentir orgulho do que a região se tornou, unindo tradição e inovação em diferentes setores.

Sônia Lara, educadora Colégio Auxiliadora



VOCAÇÃO NATURAL

“O Centro é o lugar do nascimento da cidade e é importante para a formação da nossa cidadania conhecer essa história, que é contada, também, pelos seus prédios e praças. Houve e há no desenvolvimento das cidades esse processo do Centro, no início, ser a região principal, mas, à medida que a cidade cresce, perde sua força como polo agregador do comércio, bancos, clínicas e escritórios. Porém, assim como em outras cidades que passaram por esse processo, o Centro de Ribeirão pode se transformar em um polo cultural e gastronômico. Essa é a vocação natural dos Centros das grandes cidades, por isso, investimos em um Patrimônio Histórico Tombado — o Palacete 1922 —, pois acreditamos na importância da preservação da história arquitetônica e, também, na história contada através da gastronomia.”

Ingrid Lopes, empresária

RESSURGIMENTO DA NOITE

Desde 1975, quando se mudou para Ribeirão Preto, Fernando Kaxassa mora no Centro. “Meu irmão vivia brincando comigo que se o Centro existe é por minha causa, que não saio daqui por nada”, conta o cineclubista — que mantém o Cineclube Cauim no bairro desde 1979. “Não dirijo, nunca dirigi, ando a pé pelo Centro todos os dias. É um paraíso, minha paixão. Vou ao Mercado, sou um frequentador apaixonado de lá, também ao Theatro Pedro II, ao Palace. Infelizmente, tem pouca coisa acontecendo no Centro. Podia ter mais. O bairro ficou meio largado, meio relaxado, jogado fora, mas o renascimento dos bares — esse ressurgimento da noite no Centro —, está fazendo o bairro voltar ao que era.”

Fernando Kaxassa, cineclubista e produtor de cinema e televisão



MEMÓRIA AFETIVA

Os avós do gestor da Beneficência Portuguesa, Ricardo Marques, moravam no Centro, na rua Bernardino de Campos, entre a Barão do Amazonas e a Visconde Inhaúma. Por isso, ele guarda muitas memórias afetivas do bairro, onde trabalha há nove anos. “Éramos em quatro irmãos e três primos, além da vizinhança cheia de jovens. Lembro que jogávamos bets, fazíamos torneio de futebol entre a turma de baixo e a de cima — o marco divisório era a rua Rui Babosa, no terraço de um terreno baldio que havia ali, e também brincávamos muito na Praça Camões, além de várias brincadeiras de rua. Foi um tempo bom, que marcou muito a minha infância”, recorda Ricardo, ressaltando a importância da Beneficência Portuguesa para o bairro. “O hospital foi fundado em 1907, na casa de um português, na Saldanha Marinho. Com muitas doações, bingos e quermesses, viu nascer seu prédio atual, na Rua Tibiriçá, em janeiro de 1919. Temos uma localização privilegiada, de fácil acesso, com tudo o que nossos pacientes e seus familiares precisam no entorno.”

Ricardo Marques, presidente da Beneficência Portuguesa



CATEDRAL

Principal símbolo religioso da cidade, a Catedral Metropolitana de São Sebastião é, também, ícone de uma época. Ribeirão Preto passou de uma pequena capela para a atual catedral em pouco mais de uma década. Até o fim do século XIX, o município contava com uma capela, na região da atual Praça XV de Novembro, mas a proximidade com o Teatro Carlos Gomes — considerado um ponto de atrações mundanas —, levou à escolha de um novo local para construção da Igreja Matriz da cidade. Em 1903, o cemitério localizado em frente à Praça das Bandeiras foi transferido para a atual Avenida Saudade e, no ano seguinte, foi iniciada a construção da igreja, que teve a planta do arquiteto sueco Carlos Eckman aprovada pelo Vaticano, aproveitando boa parte da planta do francês Victor Dubugras, ambos radicados no Brasil. Padre Euclides Gomes Carneiro começou a construção com apoio de fazendeiros e o bispo recém empossado Dom Alberto José Gonçalves assumiu a responsabilidade da finalização das obras. Com a criação da Diocese de Ribeirão Preto, em 1908, a matriz foi concluída e elevada à Catedral em meados de 1916.



A FÁBRICA

Inaugurada em 18 de abril de 1914, na Rua Mariana Junqueira, 33, esquina com a Avenida Jerônimo Gonçalves, a fábrica da Cia. Cervejaria Paulista — empresa local fundada em 25 de abril de 1913 —, foi instalada na margem oposta do córrego Ribeirão Preto onde já estava instalada sua concorrente, a Cia. Antártica Paulista. Desde a sua inauguração até a sua fusão com a rival, em 1973, a Cia. Paulista foi decisiva para o desenvolvimento urbano da cidade. Os investimentos imobiliários feitos na década de 1920 — na edificação dos três prédios do atual “Quartirão Paulista” —, contribuíram com a economia local, em plena crise do café, e foram decisivos para tornar o Centro uma referência cultural. Por todo seu significado histórico e arquitetônico, a atual sede do Instituto SEB, antes conhecida como Espaço Kaiser, passou a ser denominada “A Fábrica”. A inauguração aconteceu em 10 de dezembro de 2018 e, apesar de totalmente revitalizado, o prédio teve suas principais características históricas como patrimônio tombado preservadas. O local abriga projetos sociais, culturais e educacionais do instituto e possui um café, um auditório com capacidade para 400 pessoas e uma ampla Praça de Eventos.



Fotos: Ana Martinez

BIBLIOTECA SINHÁ JUNQUEIRA

Uma das histórias mais bonitas dos casarões antigos do Centro é a da Biblioteca Sinhá Junqueira. A casa construída em 1932 para moradia do coronel Quito Junqueira e da Sinhá Junqueira foi deixada em testamento para ser utilizada como uma biblioteca pública, juntamente com o dinheiro suficiente para sua fundação e instalação. A Biblioteca Cultural de Ribeirão Preto nasceu em 15 de março de 1960, provisoriamente na Rua São Sebastião. Em 1º de agosto de 1961, foi transferida para o casarão, passando a se chamar “Biblioteca Cultural Altino Arantes” — sobrinho e principal testamenteiro de Dona Sinhá. O edifício ficou interditado por um ano, em 2019, para restauração e construção de mais de 900 m² ao seu redor, criando a Biblioteca Sinhá Junqueira, um centro cultural com auditórios, salas de leitura e café, aberto ao público em 6 janeiro de 2020. A Fundação Educandário Coronel Quito Junqueira investiu na restauração e na reformulação, desenvolvida pelos arquitetos Dante Della Manna e Maria Luiza Dutra, e autorizada pelos órgãos de proteção do patrimônio das instâncias municipal, Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (Conppac), e estadual, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). Fica na Rua Duque de Caxias, 547 e abre de terça à sábado, das 9h às 18h.



PALÁCIO RIO BRANCO

Localizado na Rua Visconde do Rio Branco, o Palácio do Rio Branco foi sede da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto por mais de 100 anos — desde a sua inauguração, em 26 de maio de 1917, até 18 de agosto de 2022. Encomendado pelo ex-prefeito Joaquim Macedo Bittencourt ao engenheiro Antônio Soares Romeo, o projeto de 1.800 m² de construção levou três anos para ser aprovado pela Câmara e concluído. O edifício de dois pavimentos e um porão abrigava no andar superior o gabinete do prefeito e o salão nobre — estilo Luiz XV, decorado pelo pintor italiano Torquato Bassi (1880-1967) —, local onde ocorrem muitas recepções e coletivas de imprensa. Inspirado na arquitetura francesa, o prédio foi projetado misturando tendências da art-decô, neoclássica e características de art-nouveau, e possui fachada semelhante aos edifícios franceses Mairie de Neuilly-Sur-Seine e Hotel Ville de Suresnes. Em 2014, o prédio foi tombado como patrimônio histórico do município por sua relevância para a memória política e administrativa da cidade.



MARP

A sede do Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel Gismond, na Rua Barão do Amazonas, 323, é um dos imóveis mais antigos do Centro. Construído no início do século passado, para ser a primeira sede do Clube Sociedade Recreativa de Ribeirão Preto, foi inaugurado em um baile realizado em 31 de dezembro de 1908. Projeto do arquiteto Affonso Geribello, executado pelo construtor Vicente Lo Giudice, o imóvel também sediou a Câmara de Vereadores, entre 1956 e 1984. Após uma grande reforma, o MARP foi inaugurado no local, em 22 de dezembro de 1992, com o objetivo de reunir todo o acervo de artes plásticas da Prefeitura — obras do Salão de Arte de Ribeirão Preto (SARP) e do Salão Brasileiro de Belas Artes (SABBART), adquiridas pelo poder público ou doadas à cidade, como o conjunto de obras dos artistas Leonello Berti e Nair Opromolla. Abre de terça à sexta, das 9h30 às 12h e das 13h às 17h30.



PATRIMÔNIO

CINE CAUIM

O Cineclube Cauim nasceu em 1979, em uma sala na Rua Lafaiete, 1084. Foi para outra sala, perto da Catedral e, há 20 anos, permanece no prédio do antigo Cine Bristol — um dos mais luxuosos cinemas que o Centro teve, na Rua São Sebastião, 920. Antes de sediar o projeto, o prédio havia abrigado uma igreja e permaneceu abandonado por muitos anos. Considerado o maior Cineclube do mundo, o Cauim é responsável por grandes projetos de difusão do cinema com foco na Inclusão Social, Educação e Cidadania. O “A Escola vai ao Cinema” é realizado desde 2004; o “Ribeirão vai ao Cinema” forma público para a sétima arte e o “Cinema e Literatura” exhibe filmes relacionados à literatura e promove debates com estudantes da rede pública municipal e estadual, fazendo do cinema uma ferramenta de aprendizado.



CASA DA MEMÓRIA ITALIANA

Mais uma bela história de destinação a um imóvel no Centro, a Casa da Memória Italiana, localizada na Rua Tibiriçá, 776, tornou-se um museu aberto à visitação todas as quintas, sábados e domingos, sob agendamento prévio. Construída entre 1923 e 1925, por Joaquina Evarista Meirelles e seu filho Joaquim Machado de Souza, moradores e proprietários da Fazenda Santa Rita, em Bonfim Paulista — a planta foi assinada por eles em 28 de maio de 1923 —, a casa foi restaurada pelo casal de imigrantes italianos Pedro Biagi e Eugênia Viel Biagi para sua moradia com as filhas Elisa, Ida, Iris, Ângela e Osônia, a partir de 1941. Toda estrutura arquitetônica, decorativa e mobiliária, original da década de 1920, foi preservada pelos moradores, que a utilizaram como residência até 2012.

PALACETE 1922

O Palacete Jorge Lobato foi construído no ano que dá nome à casa, 1922, para residência do engenheiro Jorge Lobato Marcondes Machado e sua esposa, Anna, filha do fazendeiro Joaquim da Cunha Diniz Junqueira. Tombado em 2008 pelo Conppac, o imóvel ficou fechado por 24 anos, praticamente sem manutenção. No final de 2014, foi adquirido pelos irmãos Hector e Ingrid Sominami Lopes, que iniciaram sua restauração, concluída dois anos depois, em 2017. Mais de 90% do projeto arquitetônico original de Adhemar de Moraes foi mantido. A casa é um marco do estilo neocolonial e referências da arquitetura do barroco brasileiro estão em detalhes da fachada, no telhado com beiral e nas linhas mais limpas. O Palacete 1922 fica na rua Álvares Cabral, 716. No local, funciona um restaurante, aberto para o almoço de terça à domingo, para o jantar às sextas e sábados e café da manhã aos sábados e domingos.



CENTRO CULTURAL PALACE

Localizado na Rua Álvares Cabral, 322, na esquina com a Rua Duque de Caxias, o antigo Central Hotel — que mais tarde passou a se chamar Palace Hotel e hoje é o Centro Cultural Palace — levou dois anos para ser construído e foi inaugurado em 1926, dando origem ao atual “Quartirão Paulista”. O proprietário do terreno e contratante da obra foi o comerciante de café Adalberto Henrique de Oliveira Roxo, que o vendeu para a Cia. Cervejaria Paulista, empresa que comprou também o terreno paralelo ao hotel e começou a construir o Theatro Pedro II e o Edifício Meira Júnior (atual Pinguim). Para igualar a linguagem arquitetônica dos edifícios, sua fachada foi reformada por volta de 1930 — projeto do arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Júnior. Em 1992, o hotel fechou e, em 23 de julho de 1996, a Prefeitura Municipal permutou o Palace Hotel com a Antarcica, dando início à sua transformação em Centro Cultural. Quinze anos depois, em 20 de outubro de 2011, finalmente o local teve suas portas reabertas ao público, disponibilizando para a cidade a Sala dos Espelhos, o Anfiteatro “Pedro Paulo da Silva”, o Auditório Palace, o Auditório Vagões Culturais, o Salão Mármore, duas salas para oficinas e um salão para lançamentos de livros e intervenções artísticas. O edifício é tombado pela Resolução nº 32 do Condephaat, desde 7 de maio de 1982.



CHOPERIA PINGUIM

A história do Edifício Meira Júnior, construído pela Companhia Cervejaria Paulista em 1930, e que também compõe o “Quartirão Paulista”, e da Choperia Pinguim se confundem. Inaugurada no local no final de 1977, a Unidade II da famosa Choperia Pinguim nasceu frente a frente à Unidade I — que ficava no Edifício Diederichsen, na esquina das ruas General Osório e Álvares Cabral. Hoje, o “Pinguim do Centro”, como é conhecido, é o ponto turístico que mais atrai visitantes na cidade. Com fila de espera na entrada, está sempre lotado. Fica na Rua General Osório, 389, e funciona diariamente, a partir das 11h.

THEATRO PEDRO II

Principal prédio do “Quartirão Paulista”, cartão postal de Ribeirão Preto, o Theatro Pedro II tem sua história marcada por três momentos decisivos: a inauguração, em 8 de outubro de 1930; o incêndio, em 15 de julho de 1980, que o manteve fechado por 16 anos, e a reabertura, em 27 de maio de 1996. Tombado pelo Condephaat em 7 de maio de 1982, o Theatro foi desapropriado pelo então governador do Estado, Orestes Quêrcia, em 17 de maio de 1989 e entregue ao município em seu aniversário, no dia 19 de junho. Seis anos depois, em 19 de junho de 1995, foi criada a Fundação Pedro II, responsável pela sua preservação e programação de atividades artísticas e culturais. Fica na Rua Álvares Cabral, 370, ao lado do Palace e do Pinguim, em frente à Praça XV e é considerado o terceiro maior teatro de ópera do país.



REFERÊNCIA CULTURAL

Ponto para onde convergem distintas iniciativas no cenário da cultura e do entretenimento, o Centro carece e merece ser repensado e melhor aproveitado



SESC, Recra e Shopping Santa Úrsula dão vida ao Centro

Uma das regiões economicamente mais importantes da cidade, sobretudo para os setores de comércio e serviços, o Centro se destaca, também, no cenário cultural, apresentando opções diferenciadas como o Theatro Pedro II, o SESC, a Biblioteca Sinhá Junqueira, o Cineclubes Cauim, salas de cinema e exposições no Shopping Santa Úrsula e no MARP, eventos diversos no Clube Recreativa, no Centro Cultural Palace e na A Fábrica, além da tradicional Feira Internacional do Livro.

REQUALIFICAÇÃO

Com todo este potencial, não passa despercebida a necessidade de um



“É preciso pensar sobre o Centro que queremos para a próxima década”, alerta Dorival Balbino

maior zelo com a região. A Prefeitura de Ribeirão Preto anunciou, recentemente, a intenção de requalificar a área central, tendo como ponto de partida a região da rodoviária — conhecida como “baixada”. Na opinião do presidente da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP), Dorival Balbino, essa é uma iniciativa assertiva. “Não é possível pensar em qualquer projeto de revitalização do Centro sem que haja a adoção de medidas inovadoras e integradas envolvendo a região da avenida Jerônimo Gonçalves e os arredores da rua José Bonifácio”, enfatiza.

Segundo ele, empresários, moradores e profissionais das áreas de urbanismo, arquitetura, história, economia, saúde e assistência social, entre outros, precisam ter suas sugestões ouvidas e acatadas pelo poder público. “É preciso diagnosticar a situação atual (bastante preocupante, aliás) e apresentar soluções, mas tão importante quanto essa reflexão, é pensar sobre o Centro que queremos para a próxima década. Sem essa definição do que se quer — e de que forma fatores como patrimônio histórico, cultura, lazer e economia (inclusive a criativa) podem funcionar de forma integrada —, as chances de sucesso ficam consideravelmente reduzidas”, afirma Balbino.

RELAÇÃO AFETIVA

“Há 23 anos, estamos em total sinergia com o Centro de Ribeirão Preto e construímos, neste período, uma sólida relação afetiva com a comunidade. Além de lojas e serviços, oferecemos entretenimento para toda a família e também opções variadas de gastronomia”, Joan Luchianciuc Neto, controller do Shopping Santa Úrsula.



CORAÇÃO DA CIDADE

“O Centro é a alma da cidade, foi onde ela surgiu como povoamento, é o marco zero do município, onde também estão os principais bens de natureza arquitetônica do início do século XX — como o ‘Quartirão Paulista’ —, marcando a fase áurea do café. O Centro é o coração da cidade. Ele pulsa e precisa continuar pulsando!”, Lillian Rosa, presidente do Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC).



CAFÉ ÚNICA

A cafeteria mais antiga da cidade. Fica na Rua São Sebastião, 465, no Edifício Diederichsen. Já recebeu muitos políticos e artistas. O café de coador, o arroz doce e a coalhada são inesquecíveis.



SORVETERIA DO JÔ

Sorveteria tradicional em frente à Praça Sete de Setembro. Rua Floriano Peixoto 589.



HABIB'S

Ponto tradicional da rede de culinária árabe, com um espaço kids que chama atenção das crianças. Fica na esquina entre as ruas São José, 1336 e Nove de Julho, 2035.

PANIFICADORA PÃO NOSSO

São quase 50 anos fazendo o mini filão e o pão caseirinho mais macios de que se tem notícia. Rua Florêncio de Abreu, 1158.



PADDOCK

Para comer, beber e ouvir, tanto na calçada, como em ambiente climatizado. Tem música ao vivo, espaço kids e uma culinária deliciosa. Fica na Rua Marcondes Salgado, 629.



SALAMANDRA

Descontraído e diferenciado, serve pratos clássicos da culinária espanhola. O espaço está localizado na Rua São José, 839.



BAR DO NÉLSON

O ‘melhor parmegiana da cidade’ nasceu com o Senhor Nelson e a Dona Neuza. Está no Centro desde 1997 e segue mantido pelos filhos: James e Heber. Fica na Rua Prudente de Morais, 1313.



BOI BOM

Serve pratos dos botecos paulistas com preço bom, segundo a clientela. Fica na Rua Florêncio de Abreu, 1187.



BALADA

A esquina das ruas Marechal Deodoro e General Osório é o endereço da badalada! Reúne, em um só lugar, bem pertinho da avenida Independência, o Freedom Pub Bar; o Henrietta Bar e Lounge LGBTQIAP+ e o Sunset Bar.